



SINE QUANTON

MÊS #8
novembro_14

O Espião - Capítulo 1 – parte I

(Por Aliene Believe)

Ela olhou para ele com desdém. Ou, melhor dizendo: teria olhado com desdém, se não houvesse um computador entre os dois. Havendo, ela olhou a tela, e pensou que queria muito que ele a visse, agora. Queria que ele visse seu olhar de desdém. Queria que ele soubesse que ela não estava levando a sério o que ele dizia. Por mais que soubesse que esse conhecimento não faria diferença alguma na vida dele – nunca fazia! Não porque ele não se importasse com o que ela pensasse, mas porque ele era empolgado demais para se importar com isso enquanto elucubrava:

“Então, Simone, você vai pegar a direita na praça. Sabe de que praça estou falando?”

“Claro.”

“Pegue a direita na praça, siga até o final e pronto, estará na Avenida Gloriosa.”

Ela respirou fundo e insistiu no que dissera antes:

“E como eu vou evitar o trânsito congestionado da praça por conta das celebrações de final de ano, César? Lá está uma balbúrdia, cheio de gente e festas e enfeites... quero evitar exatamente isso!”

César ficou por algum tempo em silêncio. Talvez estivesse frustrado com o fato de Simone não ter gostado do plano dele. Talvez estivesse tentando pensar no que ela estivesse tentando explicar a ele. Talvez... ele estivesse apenas em silêncio, ela já não sabia mais.

“Olha, vamos fazer assim, eu espero até o final das festas de hoje e volto pra casa, não tem problema.”

“Vai ficar muito tarde! Imagine que horas você vai chegar em casa.”

“Pelo menos vou poder pegar um caminho direto.”

“Vou pensar em outro caminho e já te chamo novamente.”

Não, ele não se daria por vencido. Simone achava – sempre achava – que o melhor a fazer era esperar o trânsito passar, tirando o tempo para atualizar suas leituras, ir ao cinema, ver lojas ou simplesmente não fazer nada. Chegaria tarde em casa? Sim, mas menos cansada. Conseguia explicar isso a ele? Nunca. Ela era incapaz de entender porque ele não conseguia compreender isso, e, em alguns momentos, concluía que era apenas porque queria impressioná-la. E impressionava, certamente. Não impressionasse, não estariam a tanto tempo juntos. Ela sorriu, enquanto pensava nisso: 5 anos. Tempo suficiente para a maior parte dos relacionamentos que ela tivera antes minugar e acabar, alguns deles em pé de guerra mortal, e a ponto de ela não querer ver o outro nem pintado de ouro. Mas com César era diferente. Ela ficava com raiva dele em diversos momentos, mas quando estavam juntos, ele a fazia rir. Por mais que ela se irritasse com seu jeito cabeça-dura, ele sempre estava tentando encontrar um meio de agradá-la. E fazia seu melhor, até concluir que tinha sido o bastante. O que era, possivelmente, o motivo pelo qual ela ainda estava com ele, apesar de irritante, depois de tanto tempo. Pensando nisso, ela fechou a janela em que estavam conversando – quando ele voltasse a chamá-la, a janela abriria novamente, e ela sabia disso. Antes de voltar ao que estava fazendo, porém, parou para dar uma passada de vista

nas notícias do dia: as ofertas de ano novo, um acidente de carro, o aumento da tensão diplomática entre Coneva e Sardenha. Clicou na última notícia – era um assunto que sempre chamava a atenção dela, como moradora de um dos países. Enquanto a página carregava, porém, o telefone começou a tocar, com seu chefe cobrando um documento que ela já deveria ter levado a ele. Levantou-se correndo e foi terminar o que tinha que fazer.

No início da manhã seguinte, a faxineira limpava a sala de Simone. Enquanto tirava o pó da mesa, esbarrou no mouse, o que fez o monitor voltar a vida. Balançou a cabeça: Simone havia esquecido novamente a máquina ligada. A faxineira resolveu aproveitar a deixa: por que não usar o computador para mandar para o namorado um e-mail? Ele ficaria feliz com a surpresa, sem dúvidas. Terminado o e-mail, desligou o computador – era sábado, e ninguém o usaria nos próximos dias.

Do outro lado da cidade, César encontrava-se com Simone:

“E então, usou o caminho que eu te sugeri ontem?” ele perguntou.

“Aquele caminho era horrível!” ela respondeu.

“Mas evitava todos os pontos complicados pelos quais você passaria, amor.”

“Menos a praça!”

“Que praça? Esse caminho evitava a praça!”

“De que caminho você está falando?”

“Pouco antes do seu horário de ir embora eu te mandei uma mensagem com uma nova sugestão de caminho. Achei que embora você estivesse como ausente, você veria quando desligasse o computador. Você não viu?”

Nesse momento, Simone começou a rir:

“Maria vai me matar!”

“Por quê?”

“Ontem meu chefe começou a me encher o saco e eu acabei esquecendo o computador ligado...”

“Bobinha...”

“Aposto que vou ouvir muito quando chegar pra trabalhar na segunda...”

“Pior é que eu perdi um tempão fazendo o caminho para você, e você nem viu...”

“Tadinho dele...” ela disse, rindo e beijando-o: “Um beijinho pra recompensar...”

(Continua no próximo número ou no site)

<http://quadr.in/espiao1p1>

www.EuQueDisse.net
15042012



As placas e seus significados

Nome da placa: Estacionamento exclusivo para X-Men.

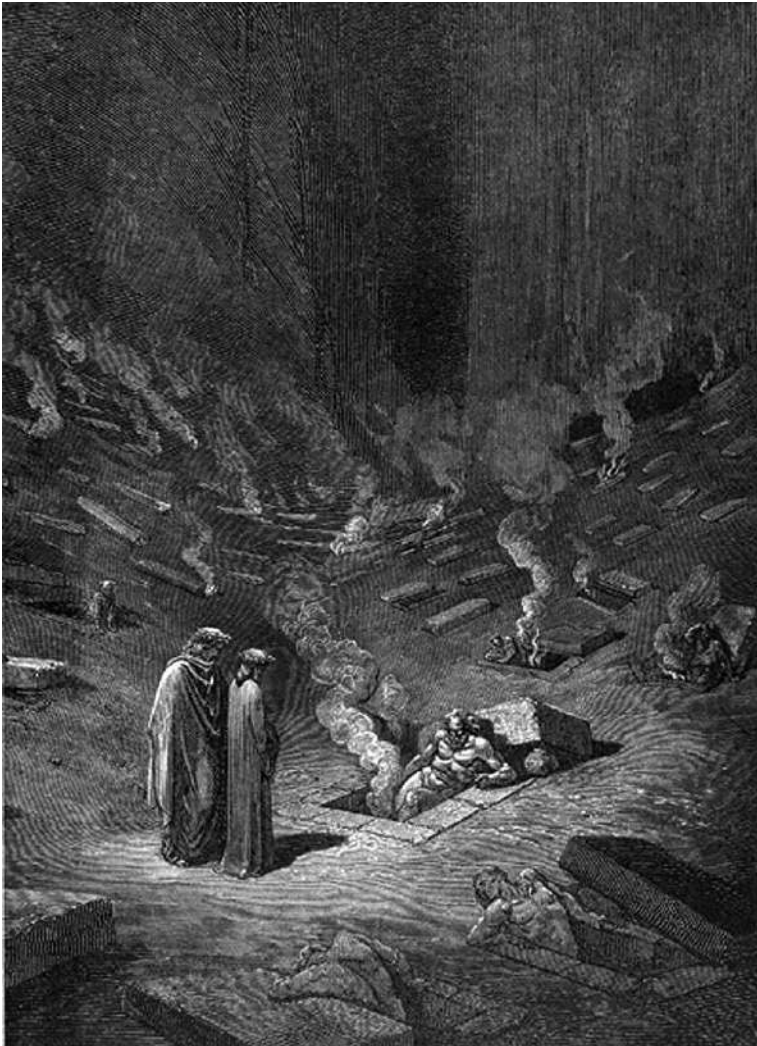
Significado: Só os X-Men podem parar nos lugares onde existe essa placa.

Em resumo: Se você não é um X-Men, você não pode nem parar perto dela. Ou um deles poderá desintegrar seu carro. Entendeu?

A idéia deste texto é dar a descrição de localidades criadas nestes três mil anos de literatura ocidental para aqueles que gostam de escrever contos e roteiros e não tem acesso (ou saco) para consultar as fontes originais e conseguir a referência ou inspiração necessária. O primeiro local a ser visitado é

O INFERNO parte 2

que foi descrito por Dante Alighieri, exclusivamente para o Sine Qua Non, na "Divina Comédia" (um poeminha de 100 cantos com mais de cem singelos versinhos cada). Na parte anterior, mostramos além da história local, o Vestíbulo e o Primeiro dos nove Círculos, com todos os points para o turista de primeira viagem não se perder nas próximas férias e descansar do inferno que é a vida na cidade grande.



Onde estarão Tio Patinhas e Pato Donald?

Descendo pro Segundo Círculo, percebe-se a diferença: logo na entrada está o demônio Minós, que ouve as confissões de cada alma, enrolando sua cauda enquanto o condenado fala, e de acordo com o número de voltas que fez em seu rabo, indica o Círculo em

que ela deverá passar a eternidade.

Enormes borrascas inundam este Pavimento, jogando as almas dos que cometeram luxúria para todas as direções, uns contra os outros, contra o chão, contra um paredão de rochas, sem descanso. Voando por aí você encontrará, entre outros, Cleópatra e Helena de Tróia.

Cérbero (o cão de três cabeças que Dante descreveu como um homem de três cabeças de cão) faz parte do cenário do próximo Círculo, o Terceiro, caracterizado por uma chuva torrencial, gelada, eterna e acompanhada de grão grosso e neve - o que contraria aquela imagem clássica de labaredas por todo lado. Os condenados ficam uns grudados nos outros, caídos no chão, a mercê deste pé d'água (*e gelo*) e dos caninos, incisivos, molares e pré-molares do totó local. Crime? Gula! (no Inferno, spa é isso).

Esbanjadores demais, ou pão-duros convictos são sérios candidato ao Quarto Círculo, onde carregará pesos enormes (*mesmo!*) no escuro. Depois de muito esforço, aparece um outro chato empurrando outro peso que nem você e ambos trombam em cheio. Pê da vida, vossa senhoria irá elogiar a mãe dele e volta, onde acontecerá tudo de novo, eternamente. (*aviso aos pão-duros: de brinde, vocês ganham um corte de cabelo máquina zero*).

Depois desse trecho, Dante encontrou um riachozinho, que desembocava no lago Estige, que, com suas

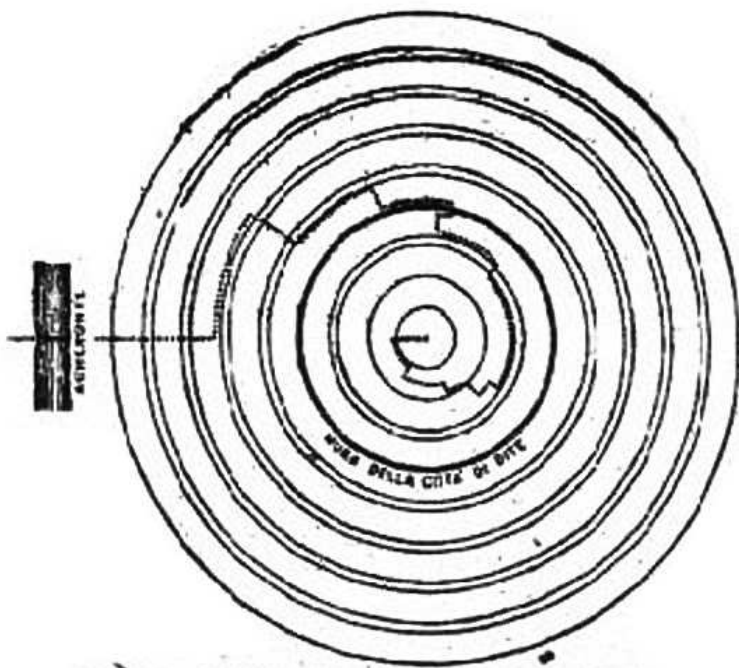


FIG. 1 - Spaccato o pianta schematica dell'Inferno con itinerario schematico di Dante (.....).

águas viscosas, banha a margem interna do Quinto Círculo. Os que em vida se esquentavam fácil e arranjavam brigas á toa (o adjetivo é "iracundo") estão mergulhados neste verdadeiro mar de lama, onde a maioria deles estão submersos, atolados no lodo, nus (como todos no Inferno, excetuando alguns no Oitavo Círculo), pretos de tão imundos, se agitando de raiva doentia, um verdadeiro festival de porradas, de chutes e outros golpes baixos. Do outro lado do Estige fica Dite, a Cidade Infernal.

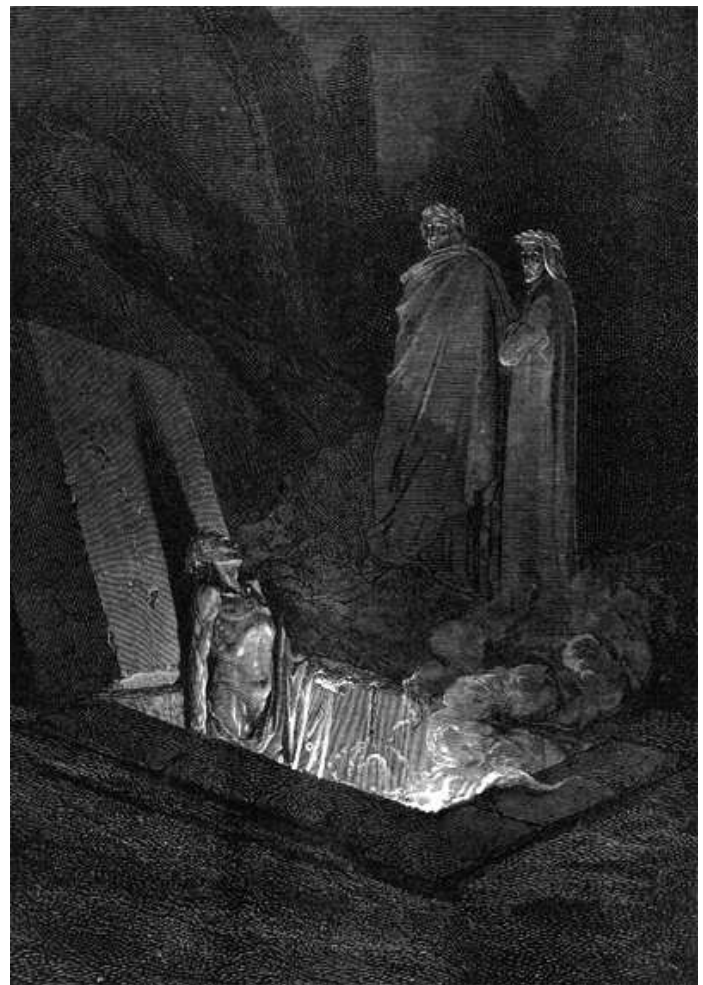
Cidade Maravilhosa

Envolta de flamas rubras, a cidade de Dite é também o Sexto Círculo, uma metrópole protegida por uma alta muralha e uma guarda demoníaca bem armada. Qualquer alma que se aproximar desta cidade é dedurada por três luzes aos demônios, que mandam uma nau, comandada pelo capeta Flégias, buscá-las para os Círculos Interiores. Estes diabos não são muito receptivos, tanto que Dante e Virgílio tiveram que apelar para um anjo intervir e deixá-los entrar por seus portões de ferro.

Dentro da cidade, além das construções e ruas, existem tum-

bas enrubrecidas pelo fogo constante, onde se guardam as almas dos heréticos - o papa Anastácio II, por exemplo. De acordo com a gravidade da heresia, maior ou menor é a temperatura em que a alma é assada nas pedras da tumba (tsssss), que por requinte, ficam com as tampas semi-abertas para os demônios ouvirem melhor os gritos. Para horror maior da Anistia Internacional, há menos tumbas que condenados, resultando em superlotação, e o primeiro que peidar apanha dos companheiros de cela...

<http://quadr.in/oinferno>



INFERNO



FIG. 2 - Itinerario di Dante nel V e VI cerchio.

As aventuras do capitão Glu-Glu – Perus e cachorros correm.

(Por Aliene Believe)

Perus e cachorros correm. Uns mais rápidos que os outros, mas ambos correm, e era assim que deixamos os nossos dois personagens na última parte de nossa história: correndo. Um, de medo do outro; o outro, para agradecer o um por tê-lo salvo.

Não fosse um super-herói, Glu-Glu teria se cansado rapidamente. Afinal perus são perus, não são leopardos. E perus não costumam correr muito. Mas, como super-herói, ele tinha um fôlego muito maior do que o normal. Maior o suficiente para achar que conseguiria se livrar da cachorra que seguia atrás dele. Algo que teria feito, não fosse a rua sem saída. Porque toda cena de fuga tem uma rua sem saída para atralhar. E essa não seria diferente.

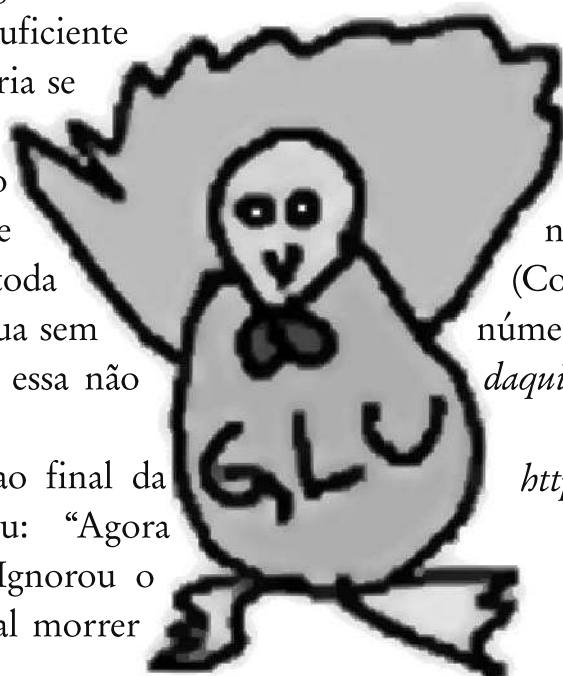
Quando se viu frente ao final da linha, Glu-Glu pensou: “Agora virei peru de Natal”. Ignorou o fato de um peru de natal morrer

de véspera e ser servido assado, não cru. Mas quem pensa direito numa hora dessas, quando um predador em potencial está correndo atrás de você? E, sem pensar direito, mas agindo conforme seu instinto, ele se encolheu, numa tentativa desesperada de se proteger. Enquanto fazia isso, sentiu o respirar da morte se aproximando... e o lambendo. Confuso – era a primeira vez que ele era devorado – Gluglu saiu por segundos da posição de defesa. E viu a cachorra balançando o rabo. Uma visão que definitivamente

desprestigiaria um grande vilão. Mas que deixou nosso herói muito aliviado.

(Continua no próximo número ou no site) *(Continua daqui algumas páginas :P)*

<http://quadr.in/peruscachorros>



Turista Acidentado – Quero uma passagem

(Por Aliene Believe)

“Quero uma passagem.”

“Para onde, senhor?”

“Quais são as opções?”

“O senhor não quer que eu diga, não é? Aqui não é restaurante para eu dar um cardápio...”

“Mas facilitaria muito a nossa vida se você fizesse isso...”

“Senhor, escolha um lugar e pronto.”

“Tá, deixe-me ver... Alasca.”

“Não há passagens para lá, senhor.”

“Acabaram?”

“Não, nós não vendemos passagens para fora do país...”

“Viu como vocês complicam a minha vida por não me oferecer um cardápio?”

(Vendedor não xinga, mas só porque o ensinaram a ter educação...)

<http://quadr.in/queropassagem>

Dona Maria

por Georgette Silen

Naquela rua, todos sabiam quem era ela. Claro!

Duas vezes balzaquiana, dentes manchados pelo tabaco mascado, pele enrugada, passos e voz macilentos, olhos espertos, ágeis. Casada, sem filhos, vivendo apenas ela e o marido em uma imensa casa, a única com muros altos e portões de grade de ferro, com pontas afiadas. O terreno também era igualmente espaçoso. A casa da esquina.

Esquina de uma encruzilhada!

Nas outras três extremidades do cruzamento havia apenas lotes vazios, cobertos pelo mato e as dormideiras rastejantes; e uns poucos vizinhos, aqui e acolá, ocupavam a rua principal do emergente bairro da Vera Cruz.

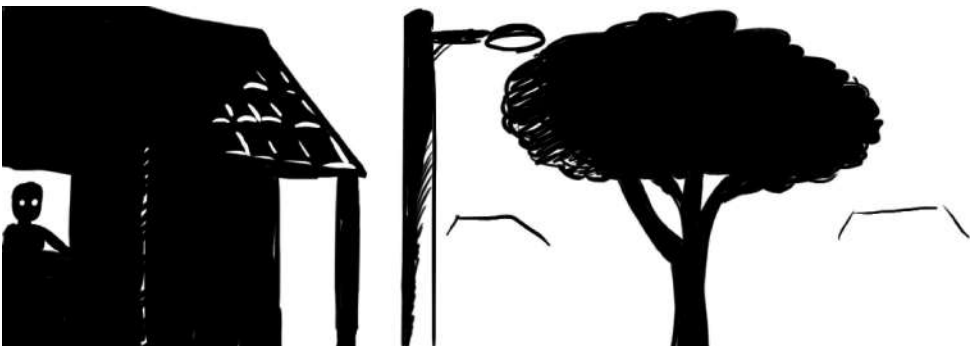
Lugar de quem não tem opção, debochavam os moradores de bairros antigos e melhores, a gente abastada da pequena cidade de Caçapava, interior do estado de São Paulo. Isso era dito por que a Vera Cruz ficava quase nos limites com a zona rural, coalhada de velhas plantações de arroz desapropriadas para dar lugar àquele novo empreendimento imobiliário de urbanização. Goiabeiras eram semeadas pelo passaredo competente e ativo. Comendo e repondo o fruto bendito ao solo.

Ao redor das poucas casas erguia-se o calipeiro, uma floresta de eucaliptos montada pé por pé pela experiência do homem e a gana da celulose. De dia, ouvia-se um tac-tac constante de sementes soltas em queda livre. À noite, vergavam os galhos com o peso da cerração, e o cheiro cítrico teimava em fazer companhia à fumarenta chama dos pavios das lamparinas de metal escuro. O bambuzal rangia e lamentava no fundo dos quintais de cerca baixa, afarpada. E os mais velhos diziam: é o Saci, chispano na carreira e cuspiendo fogo pelo pito!

Era também durante a noite, escura feito os olhos de um cego, que a Vera Cruz ganhava ritmos e sons contrapostos aos da natureza vigente. Toda sexta-feira o batuque cadenciado se fazia ouvir, serpenteando entre a meia dúzia de casebres de tijolos esfolados e não caiados da rua principal. Os tambores e cânticos irrompiam da casa da esquina, do imóvel azul da encruzilhada, que recebia pessoas estranhas, gente de outras partes, trajando roupas brancas dos pés à cabeça e peles de todas as cores: claras, negras, pardas, vergando exóticos toucados e chapéus.

Somente naqueles dias era possível ver carros circulando pelas ruas da Vera Cruz. Outros visitantes chegavam em carroças, charretes, e desatrelavam os cavalos que pastavam tranquilos no capim grosso, resfolegando pelo cansaço da noite. Nas casas descascadas, as matriarcas

oravam ao pé da imagem de Nossa Senhora, proibindo as crianças de olharem pela janela ou



saírem para o terreiro do quintal.
Hoje é noite do Demo. Se botar a cara pra fora, ele pega!

Era o suficiente. Cabeças se enrolavam nas cobertas ralas, embolavam-se nas camas de campanha ou colchões. Os olhos viam as sombras, desenhadas na parede pela luz do fogareiro, deslizarem vivas, em formas assustadoras. Aparições, visagens, fantasmas e o que se imaginasse apareciam, como filmes numa tela. E o coração das crianças quase saía pela boca. Doía a garganta a sede não saciada, e o xixi empurrava com violência. Mas quem iria sair para aliviar-se na casinha? Aventura-se no breu do lado de fora quando era noite de candomblé no terreiro de Dona Maria do Saravá, a dona da casa da esquina?

Caboclos, exus, pombas-gira – coisas que as crianças ouviam as mães dizerem, mas não sabiam o que eram – caminhavam pelo bairro às escuras, na noite em que Deus e o Demônio brigavam pela alma dos moradores da Vera Cruz. As esposas, cujos maridos teimavam em tomar a última marvada no Bar do Baiano, praguejavam em voz baixa e temiam o pior. Rezavam para que eles voltassem antes da virada da meia-noite.

Ainda mais em noite de lua cheia!

Sim, a lua cheia, na Vera Cruz, encerrava mais medos do que aqueles provocados pelo batucar ritmado e certo dos tambores e atabaques ou o gerado pelas almas desencarnadas, que vagavam nos brejos entre coaxar de sapos e brilhos de vaga-lumes. Pois al-

mas eram intangíveis, relances que se apresentavam de vez em quando aos olhos dos viventes sensíveis ou distraídos pelo lado de lá. Causavam pavor sim, frio na espinha, rompantes no peito. Mas não faziam mal. Desmanchavam-se com a certeza da madrugada, varridas pelo sol.

Porém, a lua cheia trazia, com seu brilho de leite derramado, a segunda maldição que habitava a casa de Dona Maria do Saravá. Quem não sabia, afinal, em todo o bairro temeroso e cristão, que além de conjurar as artes do cão, Dona Maria era casada com um deles? Que o marido, Seu Pedro, era o bicho-homem, o sétimo, o Lobisomem?

Que o digam aqueles que escutaram os uivos destoantes do som do vento nas folhas dos eucaliptos e do ranger do bambu verde. Testemunhos que se atreveram a encarar, pelas frestas diminutas das venezianas – movidos pela falsa coragem que os mantinha escondidos em qualquer canto possível –, a poeira revoltosa que se avolumava na cruz de quatro braços das ruas de terra batida. Local onde, juravam os fiéis, se espojava em trancos e rosnados o ser que carregava tal sina.

Naquelas noites, como se fosse de propósito, os atabaques de Dona Maria pareciam mais intensos, tentando acolher as mentes dos vizinhos, buscando distrair a atenção. Mas a quem queriam enganar com suas batidas? Não as mães dos filhos não batizados, anjinhos pagãos, cujos ber-



ços eram rodeados de crucifixos, água benta, missários e orações, que duravam até o nascer do sol. Não os pais, maridos e outros homens feitos da casa, de prontidão com facões e espingardas armadas com pedras de sal grosso. Os tiros não matariam a besta, mas causariam dor suficiente para afugentá-la.

E não aos olhinhos dos meninos e meninas que fingiam dormir, cobrindo a cabeça com as mantas esburacadas, ouvindo o lamento choroso das mães que imploravam a Deus e à Virgem Maria que poupassem seus bebês, prometendo novenas e relicários, doações humildes à Igreja, assim que o vigário geral da região do Vale do Paraíba viesse para oficializar o sacramento do batismo.

E quanto mais se ouviam as promessas, o batuque, o vento no bambuzal, as folhas dos eucaliptos e o coaxar das rãs touro, mais certeza se tinha dos uivos nas quatro direções, com volume triplicado.

A mente fervia em imagens e os joelhos queimavam na fé cega. A noite apenas começava na Vera Cruz... O choro do lobo embalava a cerração...

Manhã quente, ensolarada. Noite maldormida. A gente do bairro arrastava o passo cansado, automático. A roupa no varal precisava ser estendida, não tinha jeito, assim como o peito jorrava o leite na boca do anjinho pagão, que fora poupado do Lobisomem pela graça de Deus. No

entanto, o exame certo dos olhos experientes dos mais velhos encontrava as provas de sua passagem: rastros pelo chão, telhas reviradas e quebradas pelo peso do cramulhano, marcas de garras nas portas dos recém-nascidos, tufo de pelos nas cercas de arame farpado, além dos potes de ebó destruídos na encruzilhada.

Meio assustados, meio acostumados aos fatos, não estranhavam que Seu Pedro não era visto pelas ruas durante o dia. Nem mesmo se surpreendiam aqueles poucos que o flagravam olhando de soslaio pela janela, coberto de curativos e iodo nos locais onde – todos juravam! – ele fora atingido pelos tiros de sal grosso na madrugada.

Dona Maria? Passava sossegadamente, carregando a sacola xadrez da feira de sábado. Descia da charrete que a trazia do Mercado Municipal, andava tesa, resoluta, mascarando fumo, com uma mecha branca de cabelos escapando do emaranhado do coque, tingido de acaju pelos Tabletes Santo Antônio. Abria o portão de ferro, sopesava a sacola de ervas e mantimentos, girava a chave no ferrolho e sumia porta adentro, indiferente aos olhares que a seguiam, que captavam seu gesto de benzimento no umbral da porta, e os dedos de unhas vermelhas entrelaçados nas guias coloridas ao redor do seu pescoço.

E os moradores do bairro faziam o sinal da cruz, aliviados, sabendo que a próxima lua cheia tardaria. Pelo menos só os batuques os incomodariam.



Se bem que... Nas noites onde o céu ficava mais ne-



gro que asas de urubu, no bairro da Vera Cruz, era comum que estranhas luzes cruzassem o firmamento de estrelas. Bolas azuladas, avermelhadas e alaranjadas, ora sozinhas ora em grupos, voavam acima dos eucaliptos balouçantes ou em meio ao bambuzal, como faíscas lentas.

Mas estrelas andam no céu? Perguntavam os pequenos.

São os olhos do Boitatá, procurando criança xereta pra comer! Alertavam os mais velhos.

E a gente olhava de relance, fechando as janelas por precaução, enquanto os Boitatás brilhavam ao cair da noite, zigzagueando, brincando, até subirem num rompante para o mais alto ponto dos céus. Assim vivia o bairro da Vera Cruz, na cidade de Caçapava, interior de São Paulo.

Hoje, após tantos anos, tais fatos ainda persistem na memória dos que lá vivem.

O LobisOMEM? Estranhamente sumiu depois que Seu Pedro morreu, de repente, sem explicação. Quem esteve no enterro jurou que as palmas das mãos do defunto eram cabeludas, e que dois pequenos furros sangravam intermitentes no peito coberto pelo terno cinza (tiros de bala de prata, certos!).

As luzes do céu? Deixaram o bairro, já urbanizado e super valorizado (quem diria!), para brincar em lugares mais afastados da Pousada dos Bandeirantes. O Boitatá era tímido, ao que parece.

Os atabaques? Calaram sua voz quando Dona Maria do Saravá mudou-se para Taubaté,

levando com ela seu cabelo acaju e as guias coloridas. Anos depois, o infarto a vitimou durante o sono. E a dúvida ficou: mulher de LobisOMEM vira o quê, depois que morre?

Só a casa ficou por lá, atualmente pintada de marrom, na mesma encruzilhada movimentada, tomada pelo efervescente crescimento.

A Vera Cruz, agora reinado da Loira do Banheiro...

<http://quadr.in/donamaria>

Georgette Silen é natural de Caçapava - SP. Arte educadora e professora de teatro, além de diretora teatral e figurinista, com vários espetáculos premiados nos circuitos de mostras e festivais pelo Brasil. Como escritora, iniciou profissionalmente em 2009, participando de coletâneas, sempre no gênero que mais a inspira: a Literatura Fantástica. Flerta com o terror, com a FC e seus subgêneros.

É autora da série **Lázarus, As Crônicas de Kira, Fábulas ao Anoitecer e As Três Princesas Negras e Outros Contos dos Irmãos Grimm** publicados pela *Giz Editorial*, **Pérola – O Ano do Dragão**, em parceria com Rosana Rios, pela *Callis Editorial*, e **O Cântico do Súcubo**, pela *Buriti Editorial*.

Já participou de mais de 30 coletâneas como coautora e organizadora.

Contatos com a autora:

- missgette@yahoo.com.br
- <http://georgettesilen.blogspot.com>
- twitter: @georgettesilen
- [facebook.com/georgettesilen.silen](https://www.facebook.com/georgettesilen.silen)



MUSHÍCES: MESMERIZANDO



[HTTP://LIVRO.MUSHI-SAN.COM](http://LIVRO.MUSHI-SAN.COM)

MUSHÍCES: UMA REVELAÇÃO

ESTE AUTOR GOSTARIA DE DIZER QUE

KILARA E MARIA

SUMIRAM POR TODOS ESTES DIAS POR QUE ESTAVAM VENDO DESENHOS ANIMADOS. ININTERRUPTAMENTE



Rapidinhas do Eu que disse – Conselho

(Por Aliene Believe)

Se eu pudesse dar um conselho para a vida?

Sorria. Sorria muito.

As pessoas andam tão sérias.

As pessoas andam tão estressadas.

As pessoas andam tão chateadas, bravas,
tristes...

As pessoas perdem a cabeça com coisas
bestas, com coisas que nem sabem que são
bestas.... com coisas que
normalmente não seriam
um problema....

Se eu pudesse dar um con-
selho, eu só aconselharia
isso. Que se sorrisse mais.

(parece tão simples... mas
não é....)

--> 8D

<http://quadr.in/conselho>

Filosofias de Botequim – Com fé

(Por Aliene Believe)

Andar com fé. Com fé. Com fé.

Ficar com fé. Com fé. Com fé.

Seguir com fé. Com fé. Com fé.

Rezar com fé. Com fé. Com fé.

É tanta fé... que ninguém mais acredita em
nada

<http://quadr.in/comfe>

Filosofia de Botequim – Tudo se resolverá

(Por Aliene Believe)

Em 5 minutos ele resolverá tudo.

Ou talvez em 10...

Não, mas em meia-hora tudo estará
acabado!

Ou no máximo em 2 horas.

Ele vai terminar até o começo da noite, é
certeza!

Ou até o fim...

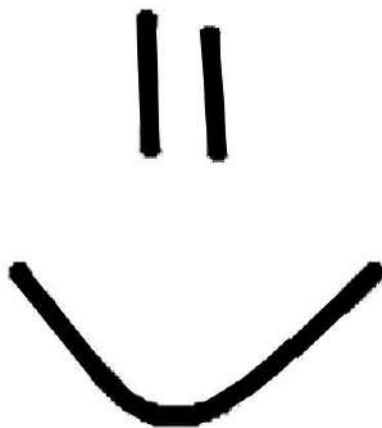
Olhando o relógio: 3 da
manhã. Tá quase pronto.

Mas... ah, termina
amanhã, né?

Ou não.

[http://](http://quadr.in/tudoresolvera)

quadr.in/tudoresolvera



Aliens Anônimos – Sorria para a foto

:D

(Por Aliene Believe)

Sorria para a foto.

Isso, bonito!

Agora faz careta.

Ué? Por quê não?

Fazer careta também é super divertido!

Vai ficar legal na foto, eu juro!

Vamos, tenta! Viu? Não doeu!

Agora fazendo joinha! Ótimo!

Agora é minha vez de tirar foto, vem pra
máquina!

(Aliens anônimos passeando pelo mundo!).

<http://quadr.in/sorriaparafoto>

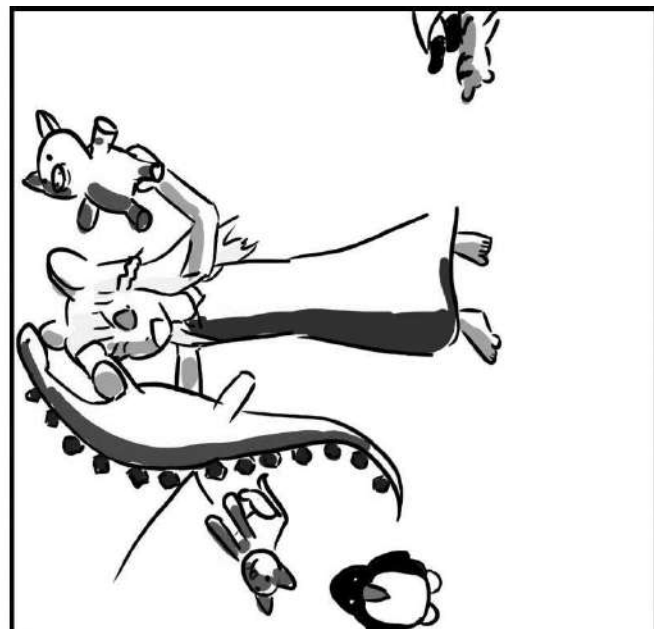


SABE, ELAS ESTÃO
HÁ TANTO TEMPO
ASSISTINDO, TÃO
CONCENTRADAS,
QUE TENHO MEDO
DE DESLIGAR O
APARELHO E
ELAS SUMIREM
JUNTO COM
A IMAGEM = X



ERA ISSO OU
ASSISTIREM
DESENHOS
QUIETAS??

PREFIRO
CRIANÇAS
A ZUMBIS.



As aventuras do capitão Glu-Glu – Contestando a cadeia alimentar

(Por Aliene Believe)

Gato come pássaro que come planta.
Gente come vaca que come planta.
Cachorros deveriam comer aves. E aves não deveriam salvar cachorros. Essa era uma regra lógica para Antônio até ele ir a piscina municipal. Não que gostasse de ir lá: muita gente, pouco espaço para ficar. Mas naquele dia parecia que valeria a pena: não estava tão quente, era dia da semana, ele não tinha nada para fazer. E de fato estava mais vazio. Tão vazio que um cachorro conseguiu se aproximar para beber água. TÃO vazio que ninguém além dele pareceu notar isso. Tão TÃO vazio que o cachorro caiu e ninguém pareceu notar – além dele. E enquanto ele se preparava para ir salvar o cachorro – afinal sua mãe o tinha ensinado que deveria cuidar de todos os animaizinhos –

apareceu algo que o tirou de lá. A princípio, ele ficou meio confuso, porque o salvador parecia um... peru? Depois ele ficou ainda mais confuso: não parecia, era um peru.

Surpreso com a cena, ele teria perguntado para alguém “você viu aquilo?”, mas não tinha para quem fazer tal pergunta. Não tendo, ele apenas perguntou para si mesmo do que se tratava e concluiu que precisava descobrir sozinho. Pensando nisso, decidiu que sairia correndo atrás deles, que estavam já se afastando na maior velocidade. Nem se preocupou com o fato de estar apenas de maiô...

(Continua no próximo número ou no site)

<http://quadr.in/cadeiaalimentar>

Filosofia de botequim – Telefone móvel?

(Por Aliene Believe)

“Te mandei mensagem no Whatsapp, por que você não respondeu?”

“Meu celular come bateria com farinha, quando o assunto é 3G. Por isso não respondi.”

“Todo celular é assim, com 3G ligado a bateria não dura...”

“Mas... não deveria ser assim!”

“Mas é. Por isso todo mundo vive procurando tomadas para carregar seus aparelhos...”

E o celular, “telefone móvel” fica preso à tomada o tempo inteiro.....

<http://quadr.in/telefonemovel>

Turista acidentado – Em tempos de seca....

(Por Aliene Believe)

Seca, seca, seca...

Não chove a meses na região.

Mas quando o avião de Jack quer pousar – que surpresa! – cai um temporal do tamanho do cão!

<http://quadr.in/emtemposdeseca>

((Eu vou sair pela
tangente))
--> E você vai fingir
que não me viu.

EDITORIAL!

Chegamos finalmente ao 3º número do SineQua-Non, o fanzine da família brasileira. Esse feito especialmente para ~~comemorar o Natal~~ a Bienal de Belo Horizonte. Porque, não, não existe Bienal apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo e sim, nós vamos para Minas Gerais comer queijo de minas e doce de leite in loco e conferir o evento literário.

Para este número, convidamos a escritora fantástica **Georgette Silen**. Professora, escritora, fã de dragões, simpática, ela nos brinda nesse número com um texto baseado em suas lembranças de infância na cidade de Caçapava, interior de São Paulo.



<http://sinequanon.mushi-san.com>

Quem fez esse fanzine:



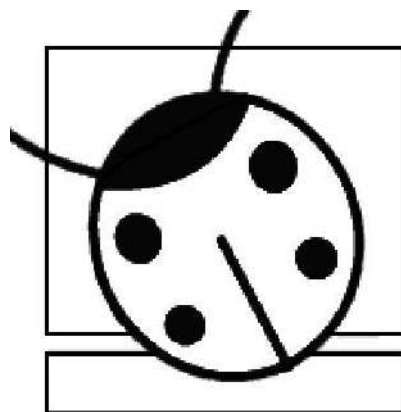
Aliene Believe

Site: www.euquedissee.net

E-mail: a_believe@euquedissee.net

Wattpad: http://wattpad.com/a_believe

Cabelo: Curtos e desorganizados. Nem parecem cabelo de menininha. Não raspa porque mãe não deixa :p



mushi-san

Site: www.mushi-san.com

E-mail: mushisan@yahoo.com

Wattpad: <http://wattpad.com/mushisan>

Cabelo: Longos. Bem longos. Aquele que serve de ponto de referência "Tá vendo o cabeludo? Do lado dele!"

Colaboradora desta edição:

Georgette Silen

Site: georgettesilen.blogspot.com

Twitter: [@georgettesilen](https://twitter.com/georgettesilen)

Facebook: facebook.com/georgettesilen.silen

ATENÇÃO: esse fanzine não é



UM MANGÁ



portanto, aqui não é a primeira página.
disfarce e recomece pelo lado certo ;)